

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



RICARDO GOMES ALVES

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA
ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA COM A TURMA 7ºB NO ANO
LETIVO 2012/2013**

COIMBRA

2013

RICARDO GOMES ALVES

Nº20070200930

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA
ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA COM A TURMA 7ºB NO ANO
LETIVO 2012/2013**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Antero Abreu

COIMBRA

2013

Alves, R. (2013). *Relatório Final de Estágio Pedagógico Desenvolvido na Escola Secundária Infanta D. Maria com a Turma 7º B no Ano Letivo 2012/2013*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Ricardo Gomes Alves, aluno nº 2007020930 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

RESUMO

O Estágio Pedagógico apresenta-se como a etapa final da formação docente e o derradeiro teste ao conhecimento adquirido pelo estudante ao longo de toda a sua formação. É também uma oportunidade única para aplicar toda a teoria em prática num contexto real de trabalho. O presente Relatório Final de Estágio Pedagógico é um documento que surge no âmbito da Unidade Curricular Relatório de Estágio correspondente ao 4º semestre do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este relatório tem como objetivo a realização de uma descrição e reflexão estruturada das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas (planeamento, realização e avaliação) e da atitude ético-profissional apresentada durante o Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Infanta D. Maria no ano letivo 2012/2013 com a turma do 7º B. Para além disso, será ainda abordado mais aprofundadamente o tema “A indisciplina nas aulas de Educação Física”.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Professor. Processo Ensino-Aprendizagem. Indisciplina.

ABSTRACT

The internship presents itself as the final step of the teacher formation and the ultimate test of the knowledge acquired by the student during all of his formation. It is also a unique opportunity to apply all the theory into practice in a real job context. The Internship Final Report is a document which comes within the Curricular Unit of the Internship Report corresponding to the 4th semester of the Masters in Teaching Physical Education for Basic and Secondary Education at the Faculty of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra. This report has as goal the execution of a structured reflection and description of the teaching-learning activities developed (planning, implementation and evaluation) and of the ethical-professional attitude presented during the Internship realized at the Infanta D. Maria High School in the school year of 2012/2013 with the 7ºB class. Furthermore, the theme “The indiscipline in Physical Education classes” will be broached more profoundly.

Keywords: *Internship. Teacher. Teaching-learning process. Indiscipline.*

Sumário

RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	8
2.1. Expetativas Iniciais.....	8
2.2. Plano de Formação Individual (PFI).....	9
2.3. Caracterização da Escola, do Grupo de Educação Física e da Turma.....	11
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	13
3.1. Planejamento.....	13
3.2. Realização.....	18
3.3. Avaliação.....	22
3.4. Atitude Ético-Profissional.....	25
4. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	27
4.1. Atividades de Ensino Aprendizagem e Aprendizagens Realizadas.....	27
4.2. Atitude Ético-Profissional.....	31
5. DIFICULDADES SENTIDAS E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO.....	33
6. QUESTÕES DILEMÁTICAS.....	35
7. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL.....	37
8. APROFUNDAMENTO DE TEMA/PROBLEMA – A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	38
8.1. Introdução.....	38
8.2. Fatores Influenciadores Da Indisciplina.....	39
8.3. Ações De Prevenção/Correção Da Indisciplina.....	43
8.4. Conclusão.....	47
9. BIBLIOGRAFIA.....	48

1. INTRODUÇÃO

Este documento foi realizado no âmbito da Unidade Curricular Relatório de Estágio correspondente ao 4º semestre do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC). O objetivo deste documento apresentado no final do ano letivo será o de fazer uma reflexão estruturada sobre o trabalho desenvolvido durante o Estágio Pedagógico nas suas vertentes pedagógicas.

Neste relatório iremos numa primeira fase explorar uma contextualização das práticas desenvolvidas, onde irão ser descritas as atividades realizadas durante o Estágio Pedagógico. Numa segunda fase irá ser feita uma análise reflexiva da prática pedagógica, sendo que, nesta parte, irá ser realizada uma reflexão aprofundada e estruturada das opções e procedimentos adotados nas atividades anteriormente descritas. Na parte final do documento será ainda desenvolvido o aprofundamento do tema “A indisciplina nas aulas de Educação Física”.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. Expetativas Iniciais

Desde cedo que fui incentivado à prática desportiva, tanto pela minha família como pelos meus colegas e, desde então, sempre tive um grande interesse nesta área. Durante a minha escolaridade básica e secundária tive vários professores de Educação Física com personalidades e metodologias de ensino diferenciadas e já nessa altura me questionava “Porque é que o professor realiza este exercício e não outro?”, “Porque é que o professor faz o exercício desta forma?”, “Como é que o professor vai integrar na aula alunos com níveis de desempenho tão diversificados?”.

Foi com naturalidade que decidi ingressar na antiga Licenciatura em Educação Física (pré-Bolonha), agora chamada Licenciatura em Ciências do Desporto (pós-Bolonha), e posteriormente no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS).

Após finalizar o primeiro ano do Mestrado, sentia que ainda não estava completamente preparado para enfrentar o último ano do mesmo, correspondente ao Estágio Pedagógico. Este pensamento ocorria devido ao facto de sentir que as aprendizagens que havia feito até então poderem não se aplicar em meio escolar, tal como ter a sensação que deveria ter tido mais tempo de prática (*transfer* dos conhecimentos teóricos para a prática).

Ainda assim, enfrentei o Estágio Pedagógico como sendo o derradeiro e mais importante desafio a enfrentar, de maneira a completar com sucesso o MEEFEBS e começar a minha futura carreira como professor de Educação Física.

Numa fase inicial tive de tomar a opção de escolher a escola onde iria realizar o meu Estágio Pedagógico. Não tinha nenhuma referência em relação à qualidade das escolas e o meu único critério para a escolha da escola era que esta fosse uma escola pertencente à cidade de Coimbra, uma vez que é uma cidade que já conheço relativamente bem desde 2007, ano da minha

entrada no Ensino Superior. Assim sendo, a escolha passou pela Escola Secundária Infanta D. Maria.

Até à data do início do estágio, as minhas expectativas iniciais eram muito vagas. Desconhecia os orientadores que me iriam acompanhar durante todo este percurso, e quais os seus métodos de trabalho, e ainda não fazia ideia que turma iria acompanhar (o seu ano de escolaridade, o número de alunos, o tipo de alunos...).

De certa forma, senti pela primeira vez o peso da responsabilidade de ser um professor de Educação Física. Apercebi-me que neste último ano iria ter que aplicar todo o conhecimento que adquiri ao longo da minha formação e a necessidade de transmitir conhecimentos da forma mais adequada possível aos meus futuros alunos iria ser o meu principal objetivo.

Outras questões também me intrigaram antes de começar o ano do Estágio Pedagógico. Desde saber quais as matérias a lecionar, saber qual o nível de desempenho da turma entre outras, mas a questão que mais me fez pensar seria de que forma iria conseguir controlar a turma disciplinarmente nas aulas durante o ano letivo.

Assim tive de esperar pelo início oficial do Estágio Pedagógico para começar a engrenar nesta nova experiência. À medida que os dias foram avançando sentia-me cada vez mais integrado no seio escolar e as várias dúvidas que no início me deixavam intrigado foram desaparecendo.

2.2. Plano de Formação Individual (PFI)

Após sensivelmente dois meses e meio decorridos do estágio foi desenvolvido um documento dado pelo nome de “Plano de Formação Individual (PFI)”. Este documento visou identificar quais as maiores dificuldades/fragilidades encontradas em cada uma das áreas correspondentes às atividades de ensino-aprendizagem (planeamento, realização e avaliação) e que estratégias utilizar para colmatar essas fragilidades.

Este documento revelou ser da maior importância uma vez que permitiu que fosse feita uma reflexão relativamente às minhas competências iniciais e fossem traçados objetivos de aperfeiçoamento tendo em vista a minha autoformação.

Os objetivos de aperfeiçoamento traçados no PFI foram os seguintes:

Planeamento

1- Plano anual

- Com o coordenador de escola e com os meus colegas estagiários, discutir quais as melhores opções a tomar e o porquê dessas opções;
- Perceber a dinâmica da rotação dos espaços (analisar mapa de rotação dos espaços e possíveis exceções que possam ocorrer).

2- Planos de aula

- Aprofundar o meu conhecimento acerca das estratégias de ensino;
- Realizar mais consulta bibliográfica de forma a colmatar as minhas dificuldades relativas à descrição dos exercícios, componentes críticas e escolha dos exercícios mais indicados para a turma;
- Fazer planos de aula mais estreitos, apenas com o que é realmente significativo;
- Colocar mais esquemas dos exercícios nos planos de aula.

Realização

1- Instrução

- Ser mais claro e sucinto na instrução do exercício;
- Se a instrução verbal não resultar, recorrer à demonstração do exercício (utilizando os melhores alunos para o efeito);
- Treinar a observação quando estiver a assistir às aulas dos meus colegas estagiários e do professor coordenador de escola (e se possível de outros professores);
- Melhorar a qualidade do meu *feedback*.

2- Gestão

- Reformular e voltar a referir quais as regras a cumprir durante aula;
- Encurtar o tempo gasto em transições.

3- Clima/Disciplina

- Fazer sentir a minha presença na aula, onde quer que esteja;
- Procurar advertir/castigar os alunos com comportamentos desviantes;
- Observar as aulas dos meus colegas estagiários e do professor coordenador de escola (e se possível de outros professores), de modo a perceber como lidam com comportamentos desviantes;
- Motivar os alunos para a aula/tarefa.

4- Decisões de ajustamento

- Aumentar o meu conhecimento acerca das características específicas de cada aluno;
- Aumentar o meu conhecimento acerca das matérias a ser lecionadas, de modo a poder adaptar os exercícios consoante as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Avaliação

1- Avaliação diagnóstica/sumativa

- Aperfeiçoar as estratégias, técnicas e os instrumentos de avaliação, de maneira a realizar uma melhor avaliação dos alunos;
- Não utilizar grelhas de avaliação muito pormenorizadas e complexas;
- Conciliar a avaliação com o objetivo pedagógico da aula.

2- Avaliação formativa

- Fazer um pequeno registo dos alunos que tiveram melhorias (ou regressões) depois de cada aula.

2.3. Caracterização da Escola, do Grupo de Educação Física e da Turma

A escola Secundária Infanta D. Maria foi criada no ano de 1918 na altura denominada “Liceu Feminino de Coimbra”, iniciando as suas atividades letivas no dia 19 de Fevereiro de 1919. Nesse mesmo ano a escola passou a denominar-se “Liceu Nacional Infanta D. Maria.

Passando por várias instalações, só a 1 de Outubro de 1948 a escola passou a localizar-se na Rua Infanta D. Maria, onde atualmente se encontra.

Em 1979 o Liceu passou a ser misto e mudou a sua designação para Escola Secundária Infanta D. Maria e em 1998 foram comemorados os 50 anos do atual edifício da escola.

Atualmente a escola funciona nos três turnos, onde cerca de 600 alunos frequentam a escola de dia e cerca de 200 alunos encontram-se a frequentar a escola de noite.

Em termos de recursos humanos a escola apresenta 106 professores dos quais 95 pertencem ao quadro da escola, 2 técnicos superiores (psicóloga e assistente social), 1 técnico profissional, 10 administrativos, 3 cozinheiras, 1 guarda noturno e 25 auxiliares de ação educativa.

A escola dispõe ainda de um gabinete de apoio a alunos com necessidades especiais, assegurado por uma professora de Apoio Educativo e ainda uma vasta gama de atividades extracurriculares.

Em relação ao grupo de Educação Física, este é composto por 7 professores de Educação Física e 3 estagiários da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEFUC).

A turma que me foi atribuída no início do ano letivo foi o 7º B. Esta turma inicialmente era constituída por 27 alunos, a qual se juntou uma aluna ainda no início do ano perfazendo um total de 28 (20 do sexo feminino e 8 do sexo masculino). A sua média de idades é de 12 anos, sendo que 18 dos alunos da turma praticam algum desporto como atividade extracurricular.

De revelar ainda que este é o primeiro ano desta turma na Escola Secundária Infanta D. Maria e que, no início do ano letivo, o curso pretendido pelos alunos em larga escala era o curso de Medicina e a disciplina a qual tinham maiores dificuldades era precisamente a disciplina de Educação Física.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1. Planeamento

O planeamento em Educação Física revela-se fulcral para um ensino organizado e com qualidade. Através de planeamento são traçados objetivos e estratégias de ensino a curto, médio ou longo prazo que irão servir de base para o ensino eficiente das diferentes matérias de ensino.

Segundo Bento (1987) “na planificação são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objetivos e matéria, são prescritas as linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico”.

Zabalza & Vilar (1997) refere ainda que no processo de planeamento encontramos “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como *apoio conceptual e de justificação* do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”.

Este planeamento tem em conta vários aspetos: os recursos materiais, espaciais, temporais e humanos, o nível de desempenho motor da turma e os diferentes grupos de nível que possam existir e, ainda, os objetivos mínimos propostos para esse mesmo ano de escolaridade. Após análise de todos esses fatores, poderá ser realizado o planeamento em todas as suas vertentes. São eles o plano anual, os planos das unidades didáticas e ainda os planos de aula.

Plano Anual

Este documento realizado no início do ano letivo teve como objetivo a adaptação dos conteúdos e exigências do programa Nacional de Educação

Física à realidade escolar, servindo assim de guia do professor de forma a garantir uma sequência lógica do processo ensino-aprendizagem ao longo do ano letivo.

“Nas reflexões para a elaboração do plano anual não deve transparecer apenas a preocupação formal de precisar, tanto quanto possível, o quadro de objetivos; é também necessário, simultaneamente, esboçar noções acerca da via ou método geral da sua realização, noções sobre a organização correspondente do ensino, quanto à diferenciação de metas ou níveis de desenvolvimento (por exemplo, fomento de talentos, apoio aos alunos “atrasados”) e, conseqüentemente, acerca de linhas didático-metodológicas fundamentais” Bento (1987).

O plano anual é baseado na previsão de todo o processo de ensino ao longo do ano letivo, o que faz com que este documento não seja definitivo e possa sofrer alterações ao longo do ano.

Este plano é também um documento de carácter global, que tem como objetivo conjugar todas as indicações do programa nacional de Educação Física com aspetos relacionados com a escola enquanto Instituição: as suas regras, os seus procedimentos, os seus recursos e os seus intervenientes.

A articulação do plano anual, com os planos das unidades didáticas e com os objetivos traçados para cada aula irá fazer com que o processo ensino-aprendizagem ocorra de uma forma mais natural e organizada.

Para a realização do plano anual foram mobilizados documentos como o programa nacional de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico, o calendário escolar e o mapa de ocupação e rotação dos espaços, os condicionalismos inerentes à instituição escolar e ainda a avaliação diagnóstica realizada no início do ano letivo.

Foi então discutido com o núcleo de estágio e respetivo orientador, quais as melhores opções a tomar em função da análise preliminar de toda a informação que tínhamos disponível. Finalmente ficou decidido que iriam ser lecionadas as unidades didáticas de Basquetebol e Voleibol no 1º período,

Ginástica e Atletismo no 2º período, Badmínton, Patinagem e Natação no 3º período.

Assim sendo, o plano anual contém o seguinte conjunto de documentos preparatórios e de decisão:

- Análise dos programas nacionais de Educação Física
 - Finalidades da Educação Física
 - Condicionamentos humanos, materiais e sociais
 - Objetivos por área e comuns a todas as áreas
- Distribuição das Unidades Didáticas pelo ano letivo
 - Duração e interrupção dos períodos letivos
 - Calendário escolar 2012/2013
 - Número de aulas previstas
 - Mapa de ocupação e rotação dos espaços
 - Distribuição das Unidades Didáticas pelo ano letivo
 - Justificação das escolhas

Além destes documentos preparatórios e de decisão que constam no plano anual, também foi realizada a caracterização da turma no início do ano letivo que, apesar de não constar no documento oficial, é também um documento fundamental, visto que o plano anual tem de ser adaptado em função das características da turma.

Unidades Didáticas

O planeamento das Unidades Didáticas tem como principal propósito a operacionalização de um plano curricular relativo à Educação Física, centrado no desenvolvimento das capacidades motoras mais significativas para os alunos.

Para que isso seja possível, fatores como as premissas do programa de Educação Física, os recursos humanos, materiais e temporais foram tidos em conta durante a elaboração destas.

Esta forma de planificação surge no sentido de promover o sucesso do processo ensino-aprendizagem da modalidade a ser lecionada e na

necessidade de basearmos a nossa atividade em objetivos precisos na tentativa de transmitirmos a matéria aos alunos de forma sistemática. Na globalidade, as Unidades Didáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico, apresentando aos professores e alunos etapas claras e bem distintas do processo ensino-aprendizagem.

“É na unidade didática que reside precisamente o cerne do trabalho criativo do professor. Em torno da unidade didática decorre a maior parte da actividade de planeamento e de docência do professor.” Bento (1987)

Neste processo de planeamento, consta os objetivos que orientam a nossa intervenção pedagógica, pelo que a qualquer momento em que não se verifique a aprendizagem ou evolução esperada, pode ser adaptado e reajustado ao contexto com que nos deparamos.

Deste modo, as Unidades Didáticas foram elaboradas em função do programa nacional de Educação Física e ainda em função das características da turma. Em todas as Unidades Curriculares foram mencionadas as características inerentes a cada uma delas, mencionados os objetivos ao nível psicomotor, cognitivo e socioafetivo, elaborada a tabela de extensão e sequenciação dos conteúdos com as respetivas progressões pedagógicas e estratégias de ensino e ainda os relatórios de toda a avaliação efetuada durante a leção da Unidade Curricular tal como um balanço final desta.

Assim sendo, numa Unidade Didática poderão ser encontrados os seguintes elementos:

- História, caracterização e regulamento da modalidade em questão
- Conteúdos técnicos (e táticos caso seja aplicável)
- Recursos materiais, espaciais, temporais e humanos
- Objetivos gerais e específicos
- Tabela de extensão e sequência dos conteúdos
- Progressões pedagógicas
- Estratégias de ensino
- Relatório de avaliação diagnóstica, formativa e sumativa
- Balanço final da Unidade Didática

Planos de aula

Os planos de aula são elaborados em função do plano anual e da Unidade Didática em questão, sendo assim a última fase do planeamento e a mais pormenorizada.

“A preparação da aula apoia-se no planeamento de longo prazo. Tendo em atenção a matéria, os pressupostos dos alunos e as condições de ensino, bem como os dados fornecidos pela análise das etapas anteriores, na preparação da aula tem lugar uma precisão dos seus objectivos (já estabelecidos no plano da unidade), é planificado o seu decurso metodológico e temporal.” Bento (1987)

Pilleti (2001) refere ainda que o plano de aula “É a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. (...) É a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem”.

Num plano de aula pressupõe-se a seleção dos exercícios que melhor se adequam aos objetivos anteriormente traçados no planeamento da Unidade Didática, adaptando-os ao nível da turma e aos recursos disponíveis.

Durante o planeamento do plano de aula é expectável que o professor dê continuidade a matéria que foi dada na aula anterior, promovendo também um elo de ligação com a aula seguinte criando assim um processo de ensino-aprendizagem contínuo.

Este plano também não pode ser visto como um plano fixo e inalterável, pois caso os alunos não estejam a atingir os objetivos propostos ou no caso de acontecerem imprevistos de outra natureza (como por exemplo alterações climáticas), o professor deverá estar preparado para tomar medidas de ajustamento de maneira a conseguir alcançar os objetivos pretendidos.

Usualmente, o plano de aula é dividido por parte inicial (aquecimento), parte fundamental (exercícios específicos da modalidade em questão) e parte final (retorno à calma e balanço da aula), um modelo também adotado pelo núcleo de estágio.

No planeamento o professor deverá também decidir quais os estilos de ensino que melhor se adequam à turma e assim selecionar e adaptar os exercícios em função dos estilos de ensino escolhidos. O estilo de ensino mais utilizado no planeamento das aulas foi o estilo de ensino por tarefa, sendo também utilizados o estilo de ensino por comando e, em raras ocasiões, os estilos de ensino recíproco, inclusivo e programa individual.

No plano de aula poderão ser encontrados os seguintes elementos:

- Cabeçalho com informações relativas ao número da aula, unidade didática lecionada, data e hora da aula, local da aula, recursos materiais, sumário/objetivos da aula...
- Duração dos exercícios
- Organização e descrição das tarefas a realizar
- Objetivos, critérios de êxito e componentes críticas
- Estilo de ensino utilizado

É ainda de relevar que a estrutura do plano de aula não foi sempre a mesma desde o início do ano, tendo sofrido várias alterações nas primeiras semanas do ano letivo até chegarmos à estrutura mais indicada e desejável.

No âmbito do Estágio Pedagógico foram também incluídos nos planos de aula a fundamentação da aula, tal como um relatório da mesma de maneira a podermos analisar como decorreu a aula e melhorar com os nossos erros.

3.2. Realização

Após realização do planeamento, chega a altura de passar toda a teoria para a prática. Nesta fase o professor terá de fazer com que os seus alunos atinjam os objetivos previamente definidos, utilizando para isso várias estratégias de ensino.

“Na realização do ensino da Educação Física a aula constitui o elo decisivo do processo de educação e formação” Bento (1987)

Durante a condução da aula são observados fundamentalmente quatro dimensões de intervenção pedagógica: instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento.

Instrução

A comunicação entre professor e aluno é fundamental para uma boa condução da aula. É neste cenário de intercomunicação que se insere a instrução.

A instrução implica desde logo dois aspetos essenciais: a instrução do exercício em si e o *feedback* fornecido durante o exercício. Além destes dois aspetos, a instrução engloba também a preleção realizada no início da aula e o balanço realizado no final desta.

Para a realização de uma instrução eficiente durante a aula o professor deverá ter a capacidade de:

- Comunicar de uma forma clara e audível
- Recorrer aos alunos para demonstrar o exercício
- Fornecer *feedbacks* descritivos, prescritivos e interrogativos
- Fornecer *feedbacks* de forma equitativa e correta pelos grupos e pelos diferentes alunos
- Fechar o ciclo de *feedback*
- Utilizar o questionamento como meio de revisão de conteúdos

A minha instrução ao nível deste domínio nem sempre cumpriu com as indicações acima descritas, tendo revelado alguma dificuldade neste domínio, principalmente no início do ano letivo.

Inicialmente, devido ao nervosismo e falta de confiança, a minha comunicação era pouco clara e eram proferidos poucos *feedbacks*. À medida que fui avançando e com a ajuda das observações das aulas dos meus colegas estagiários e do orientador João Gandum consegui melhorar significativamente a minha comunicação quer ao nível da instrução dos exercícios (reduzindo o tempo de instrução e sendo mais claro e objetivo) quer ao nível dos *feedbacks* proferidos durante a aula (melhorando a qualidade e

variedade dos *feedbacks*, distribuindo-os de forma equitativa fechando sempre o seu ciclo).

Gestão

A gestão da aula é também um elemento muito importante a ter em conta durante a aula de Educação Física. Neste aspeto o professor deverá ser capaz de maximizar o tempo útil da aula tal como o tempo de empenhamento motor dos alunos.

Siedentop (1983) refere ainda que uma boa gestão da aula “consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas actividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula.”

De forma a conseguir atingir esses objetivos o professor deverá durante a aula:

- Pré-definir regras a cumprir que permitam o aumento do tempo útil da aula
- Utilizar sinais gestuais e/ou sonoros
- Ter capacidade de organização
- Realizar rápidas e fluentes transições entre exercícios
- Apresentar uma estrutura da aula global, coordenada e contínua
- Explicar os cuidados a ter durante a execução das tarefas

Tive desde cedo uma grande preocupação ao nível da gestão, o que fez com que este fosse o domínio em que senti menores dificuldades. Esta boa gestão da aula passou primeiramente pelo planeamento. Neste eram elaborados minuciosamente os exercícios de modo a que estes tivessem uma sequência lógica, coordenada e contínua que permitisse uma rápida transição entre os exercícios. Logo no início do ano letivo foram também pré-definidas as regras a cumprir nas aulas tais como a hora de entrada para a aula e a paragem ao sinal sonoro do apito. Estes aspetos aliados a um bom controlo do tempo disponível da aula e do tempo de duração dos exercícios faziam com que as aulas tivessem o máximo tempo útil de aula possível.

Clima/disciplina

O clima/disciplina na aula está intimamente ligado com as duas dimensões acima descritas. Sem um bom clima de aula e sem um controlo dos alunos, torna-se impossível realizar uma boa instrução e uma boa gestão da aula.

Tendo isto em conta, esta dimensão torna-se tão ou mais importante do que as duas anteriores. De maneira a conseguir um bom ambiente na aula e a obter uma turma disciplinada o professor deverá:

- Motivar e entusiasmar os alunos para a aula, controlando sempre a turma;
- Intervir de forma correta e sistemática;
- Utilizar a repreensão verbal e/ou o castigo como meio de corrigir comportamentos de indisciplina ou fora da tarefa;
- Promover comportamentos corretos durante a aula;

O caminho para obtenção de um bom ambiente de aula e de uma turma disciplina não foi porventura fácil. Apesar de tentar sempre aplicar os melhores métodos para chegar a esse objetivo, tive de passar por várias dificuldades. Este tema em específico será abordado mais detalhadamente no “Aprofundamento de tema/problema – A indisciplina nas aulas de Educação Física”.

Decisões de ajustamento

As decisões de ajustamento irão sempre acompanhar o professor durante a sua carreira profissional. Este deverá estar sempre preparado para enfrentar imprevistos, reajustando o seu planeamento sempre que for necessário, quer seja o plano anual, as unidades didáticas ou o plano de aula.

Assim, o professor deverá sempre ter em conta que o planeamento não passa de uma mera hipótese, devendo ter sempre consigo um plano alternativo. As decisões de ajustamento tomadas durante a aula deverão também concorrer para os objetivos previamente definidos para esta.

Durante a minha experiência enquanto estagiário, tive várias vezes que recorrer a este tipo de decisão de ajustamento, especialmente durante a lecionação. A alteração do esquema da aula, dos exercícios, ou do tempo de duração destes era efetuada sempre que se verificava que os objetivos pretendidos não estavam a ser cumpridos ou sempre que se verificava que os exercícios não estavam a ser adequados às necessidades da turma.

3.3. Avaliação

A avaliação não se limita ao ato de classificar, corresponde também a uma atitude crítica e renovadora permitindo à escola assumir-se como algo mais humano. Além disso, o processo de avaliação também tem um papel regulador de toda a atividade do professor e aluno, na medida em que fornece *feedback* acerca do processo ensino-aprendizagem, permitindo pontualmente reajustes, contribuindo para um maior sucesso do mesmo.

Segundo o Decreto-Lei n.º6/2001, de 18 de Janeiro “A avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico.”

A avaliação é subdividida em 3 tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. Estas avaliações ocorrem em momentos distintos durante o ano letivo e possuem também objetivos distintos.

Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica tem como finalidade obter informações sobre conhecimentos, aptidões e interesses dos alunos, em relação à disponibilidade motora e cognitiva destes nas diferentes Unidades Didáticas. Os dados recolhidos nesta avaliação permitem reajustar, caso seja necessário, os objetivos comportamentais estabelecidos para estas mesmas Unidades Didáticas. Também ao verificar o nível de prestação dos alunos, é possível selecionar de uma forma mais coerente e adequada ao contexto, as estratégias de ensino-aprendizagem a utilizar.

Segundo o Despacho normativo n.º1/2005, de 5 de Janeiro “A avaliação diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa.”

Esta avaliação poderá ser realizada no início do ano letivo a todas as Unidades Didáticas ou então no início de cada Unidade Didática dependendo da estratégia adotada pelo professor. Os instrumentos utilizados para a realização desta avaliação são um quadro de critérios de êxito e uma grelha de avaliação. Através da observação e análise do desempenho motor dos alunos, é então possível verificar em que nível estes se encontram e diferenciar grupos de nível distintos.

Após discussão entre os membros do núcleo de estágio, chegou-se à conclusão que a melhor estratégia a adotar seria realizar toda a avaliação diagnóstica no início do ano letivo de maneira a podermos ter uma ideia global do nível em que os alunos se encontram, utilizando para tal os instrumentos acima mencionados.

Avaliação Formativa

A avaliação formativa assume um papel relevante por permitir ao professor acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem. Sempre que se avança nos conteúdos, torna-se absolutamente necessário verificar se os alunos estão, ou não, a acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, devendo-se repetir os conteúdos sempre que necessário, através de objetivos operacionais diferentes, até se constatar que os mesmos foram interiorizados.

Segundo o Despacho normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro “A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.”

Este tipo de avaliação é realizado durante a lecionação da Unidade Didática e é realizada em todas as aulas englobando os domínios afetivo, cognitivo e psicomotor. O registo desta avaliação varia de professor para professor, sendo que normalmente é utilizada uma grelha de avaliação semelhante à grelha utilizada para a avaliação diagnóstica/sumativa, ou poderá também ser utilizada a estratégia de um registo escrito da evolução/regressão dos alunos.

No meu caso em específico, optei por realizar um registo escrito da evolução/regressão dos alunos, complementada com os relatórios escritos das aulas.

Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa tem como principal objetivo a verificar se os objetivos comportamentais inicialmente definidos a nível psicomotor foram alcançados e permite também verificar a progressão dos alunos na sua prestação motora.

Segundo o Despacho normativo n.º1/2005, de 5 de Janeiro “A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.”

Cortesão (2002) refere ainda que “A avaliação sumativa, como o próprio nome indica pretende representar um sumário, uma apreciação "concentrada", de resultados obtidos numa situação educativa.”

Esta avaliação é realizada no final da Unidade Didática e permite fazer uma avaliação final dos alunos nessa mesma Unidade Didática. Para a realização desta avaliação é utilizada um quadro de critérios de êxito e uma grelha de avaliação semelhante à utilizada na avaliação diagnóstica, o que faz com que uma comparação de dados entre o nível inicial dos alunos e o nível final em termos psicomotores seja possível, tal como uma reflexão acerca destes mesmos dados.

3.4. Atitude Ético-Profissional

A atitude ético-profissional é um dos aspetos mais importantes de um profissional e neste caso, de um professor de Educação Física. De maneira a ser bem aceite na sociedade e no ambiente escolar, o professor deverá ter a responsabilidade de adotar e transmitir valores que serão da maior importância para o mesmo e para os seus alunos.

Esta atitude passa primeiramente por ter responsabilidade sobre o seu próprio trabalho. Um professor deverá sempre empenhar-se ao máximo naquilo que faz e perceber que apenas se fazem bons alunos com bons professores, ou seja, apenas um professor empenhado na sua profissão consegue obter um bom processo de ensino-aprendizagem e obter bons resultados dos seus alunos. Neste aspeto empenhei-me ao máximo em toda a minha atividade enquanto estagiário, procurando ajuda nos meus colegas estagiários, ex-estagiários ou orientadores de estágio sempre que necessitava, de maneira a poder evoluir.

Um professor deverá estar sempre disponível para participar ativamente na vida da escola, ou seja, o professor não se pode cingir às suas obrigações, deverá também promover/contribuir para as várias atividades realizadas na escola, ter uma boa relação com colegas, funcionários e alunos e, ainda, deverá perceber os problemas que possam existir na escola e ajudar na sua resolução. Aqui também cumpro o meu dever, dando sempre a minha disponibilidade quando necessário e sempre que era requerido, sendo a minha relação com todos os intervenientes muito boa.

O professor é o primeiro a dar o exemplo. Assim sendo, se um professor deseja ter uma turma que seja pontual e assídua, este tem de ser o primeiro a demonstrar e exigir estes valores. No âmbito do estágio pedagógico este foi talvez o primeiro e o mais importante valor exigido pelo orientador de estágio João Gandum. Assim sendo, por nenhuma vez faltei ou cheguei atrasado a

alguma das aulas às quais iria lecionar, podendo dessa maneira exigir o mesmo aos meus alunos.

Durante o ano letivo, o professor deverá procurar sempre trabalhar em grupo. Através desta ajuda mútua entre colegas de profissão é possível evoluir e integrar-se no seio escolar, ao mesmo tempo que se encontra em sintonia com as diferentes ideias e objetivos demonstrados pelos vários professores. Infelizmente esta ajuda mútua nem sempre foi possível. Por várias vezes tentei procurar o trabalho em grupo, mas nem sempre este foi possível. Penso que esta lacuna fez com que faltasse espírito de grupo em torno do núcleo de estágio e não permitiu com que existisse uma maior evolução entre os intervenientes do mesmo.

O professor deverá ser sempre capaz de refletir e relacionar com os diferentes dilemas organizacionais e profissionais com que se depara. Perceber o que está a correr bem ou o que está a correr menos bem e pensar em soluções credíveis para esses mesmos problemas. Durante o estágio pedagógico esses dilemas surgiram e foram refletidos e pensados de maneira a obter a melhor resposta possível, sendo que alguns desses dilemas irão ser abordados mais adiante.

Finalmente o professor deverá ser ainda capaz de se autoavaliar e procurar a autoformação. Só através da autoavaliação um professor é capaz de perceber o que pode melhorar e a autoformação deverá ser constante de maneira a existir uma evolução contínua do professor. Esta procura de autoavaliação e autoformação foi também constante de maneira a melhorar como professor de Educação Física.

4. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1. Atividades de Ensino Aprendizagem e Aprendizagens Realizadas

Este ano letivo foi o culminar de vários anos de aprendizagem. Foi a partir do Estágio Pedagógico que consegui pôr em prática tudo aquilo que fui aprendendo durante a minha formação para ser um profissional da minha área, neste caso, professor de Educação Física. Assim, após esta experiência, poderei fazer uma reflexão acerca das opções e métodos utilizados durante este período, o que me vai permitir ser ainda um melhor profissional no futuro.

Ao nível do planeamento várias decisões e opções foram tomadas. Começando pelo plano anual, foi optada uma periodização por blocos. Esta decisão tomada em conjunto com o núcleo de estágio e o respetivo orientador da escola teve as suas vantagens, mas também as suas desvantagens. Primeiramente, esta decisão foi tomada devido à necessidade de haver uma rotação dos espaços disponíveis pelos vários professores. Assim apenas tínhamos acesso a um determinado espaço durante um determinado período de tempo, o que fez com que o planeamento ficasse condicionado. Este facto levou a que o planeamento fosse feito em função da disponibilidade dos espaços ao longo do ano letivo. Contudo este planeamento serviu apenas de guia para todo o ano letivo uma vez que, durante este, vários imprevistos ocorreram como: alteração das datas previstas para as atividades a realizar no plano anual de atividades, realização de atividades extracurriculares no âmbito da direção de turma realizadas no horário da aula de Educação Física e ainda alterações das condições meteorológicas.

Em relação ao planeamento das Unidades Didáticas, ficou decidido em conjunto com o núcleo de estágio que estas iriam ser realizadas antes do início da lecionação da respetiva Unidade Didática. Desta forma tivemos a possibilidade de realizar um planeamento mais focado nas reais necessidades dos alunos e tendo em conta as atuais condições para a lecionação dessa mesma Unidade Didática (temporais e espaciais).

A estrutura do plano de aula nem sempre foi a mesma desde o início. Numa primeira fase, a estrutura do plano encontrava-se demasiado detalhada e complexa sendo que após algumas alterações esta tornou-se mais simples e concisa. Estas alterações realizadas ainda no início do 1º período revelaram-se bastante importantes uma vez que permitiu com que o planeamento da aula fosse mais fácil e de encontro aos objetivos pretendidos e permitiu também com que a leitura e interpretação deste ocorressem de uma forma mais rápida e eficaz.

As aulas eram então divididas em parte inicial, parte fundamental e parte final. Na parte inicial eram planeados sempre exercícios de aquecimento específicos da modalidade a ser lecionada, fundamentalmente exercícios de alongamentos, jogos lúdicos (modalidades coletivas) e exercícios de resistência aeróbia (atletismo), na parte fundamental era então realizados os exercícios específicos da matéria a ser lecionada e finalmente na parte final da aula era realizado um pequeno balanço da aula, procurando perceber quais as maiores dificuldades e/ou dúvidas dos alunos sentidas durante a aula através da discussão.

Na elaboração do plano de aula foi sempre realizado uma fundamentação da aula, o que permitiu com que eu próprio fizesse uma autorreflexão do porquê das opções tomadas, justificando-as. No final de cada aula foi também sempre elaborado um relatório da mesma. Este foi um meio de analisar os meus pontos fortes e fracos, procurando colmata-los em aulas futuras e também permitiu fazer uma avaliação formativa da turma respeitante ao seu desempenho na aula.

O estilo de ensino mais utilizado durante as aulas foi o estilo de ensino por tarefa. Tendo em conta que a média de idades da turma se encontrava nos 12 anos, os alunos ainda não tinham a maturidade suficiente para realizarem uma aprendizagem mais individualizada e independente do professor.

Assim sendo, este estilo de ensino proporcionou um melhor controlo dos alunos, tal como a possibilidade de fornecimento de feedbacks mais individualizados e constantes durante a aula de maneira a atingir os objetivos pretendidos.

Durante a realização das aulas foi onde penso que obtive um maior progresso durante o meu percurso como estagiário. Inicialmente e devido à minha pouca experiência, revelei algumas dificuldades em conseguir lecionar uma aula tendo em conta tantos fatores como a instrução, a gestão, o clima/disciplina e as decisões de ajustamento, aliados ao facto de lecionar uma turma composta por 28 alunos.

Comecei por adotar algumas estratégias no início do ano, como o uso de relógio o que me permitiu controlar de forma eficaz e eficiente a gestão da aula, e ainda o uso de sinais sonoros através de um apito que, ao longo do ano, se revelou um método bastante eficaz de controlo da turma e organização da aula.

Antes de dar início à minha instrução adotei a estratégia de apenas começar a falar quando todos os alunos estivessem em silêncio, de maneira a poder transmitir a informação da maneira mais clara e sucinta a todos os alunos. Seguidamente tentava sempre recorrer à demonstração dos exercícios em questão utilizando sempre os melhores alunos da turma.

Durante a aula procurei sempre ter um correto posicionamento que me permitisse ter um visionamento de toda a turma tal como um maior controlo sobre esta, aspeto este que fui melhorando ao longo do ano letivo.

Relativamente aos *feedbacks* que eram dados durante a aula, tive sempre o maior interesse em dar o maior número e tipos de *feedbacks* possível durante a aula. Contudo, numa fase inicial, revelei não ter um total domínio da matéria em questão o que por vezes dificultava esta tarefa. De maneira a colmatar esta dificuldade, foi preponderante a consulta de bibliografia da área, tal com a observação das aulas dos meus colegas estagiários e do meu coordenador da escola.

Ainda relativamente aos *feedbacks*, procurei sempre fechar ciclos de *feedback*, algo que no início do ano fazia raras vezes devido essencialmente ao nervosismo de ter de controlar a turma, o tempo de aula entre outros, mas que fui realizando com mais frequência assim que me fui sentindo cada vez mais à vontade com a turma e com a mecânica das aulas.

Na gestão das aulas também foram adotadas algumas estratégias de maneira a conseguir fazer uma boa gestão do tempo disponível. Em primeiro lugar, realizava uma verificação do material disponível para a aula antes do início desta, procedendo á montagem do campo caso fosse necessário. O início das aulas era sempre realizado pouco depois do toque de entrada (sensivelmente 5 minutos após o toque), de maneira a maximizar o tempo de aula. Ainda com vista ao aumento do tempo útil, o planeamento da aula era realizado para que este tivesse uma sequência lógica e contínua entre os exercícios fazendo com que a transição entre estes fosse rápida e fluente.

Ao nível do clima/disciplina da aula denotei grandes dificuldades ao longo deste ano letivo. O controlo de uma turma de 28 alunos do sétimo ano de escolaridade não se revelou fácil, e de maneira a poder ultrapassar esta dificuldade tive de tomar algumas decisões durante as aulas que passaram pela repreensão verbal ao castigo, tanto de um aluno, como de um grupo de alunos, como de toda a turma sempre que se verificavam comportamentos fora da tarefa ou de indisciplina. Ao longo do ano foi possível verificar um crescente melhoramento da turma ao nível disciplinar proveniente do carácter mais rígido que fui adotando durante o ano. Para além disso procurei sempre motivar a turma para as aulas de maneira a que estas decorressem da melhor forma possível e num ambiente agradável.

Durante todo o ano letivo procedi sempre a decisões de ajustamento quando necessário. Ao nível do planeamento anual, como já foi referido anteriormente, tive de ajustar o plano consoante os imprevistos com que me fui deparando ao longo do ano. Ao nível das aulas, as decisões de ajustamento também foram constantes e fulcrais tendo em conta o bom funcionamento da aula e os objetivos específicos da mesma. Assim sendo, procurei sempre adequar os exercícios tendo em conta as necessidades da turma através da complexificação/descomplexificação de exercícios, ou mesmo através do prolongamento de um ou mais exercícios e eliminação de outros. Os imprevistos atmosféricos também fizeram com que tivesse de tomar medidas de ajustamento, nomeadamente a lecionação de outra matéria ou de outros exercícios no espaço coberto.

Relativamente à avaliação, ficou decidido após discussão com o núcleo de estágio e o coordenador de escola que toda a avaliação diagnóstica se iria realizar no início do ano.

Durante esta avaliação não fui capaz de realizar uma avaliação precisa dos alunos, mas sim uma avaliação mais global permitindo apenas com que conseguisse avaliar o nível da turma em geral. Esta dificuldade em realizar a avaliação deveu-se à grande quantidade de alunos que foram alvo de avaliação e devido ao facto de não ter conhecimento do nível da turma anteriormente. A minha falta de experiência ao nível da correta observação dos critérios de êxito também foi um fator que contribuiu para esta avaliação menos precisa.

A avaliação formativa foi realizada através de apontamentos da evolução dos alunos. Desta maneira, sempre que verificava melhorias significativas de um aluno em específico ou da turma, era realizado um registo escrito dessa evolução, o que futuramente me ajudou na realização da avaliação sumativa.

A avaliação sumativa foi realizada sempre no final de cada Unidade Didática, sendo esta o culminar de todo um processo de ensino-aprendizagem. Após visualizar a evolução dos alunos durante a Unidade Didática e com a ajuda da avaliação formativa, consegui realizar uma avaliação mais precisa dos alunos comparativamente com a avaliação diagnóstica.

Ainda no domínio da avaliação, posso dizer que a partir das avaliações consegui evoluir ao nível da capacidade de observação dos critérios de êxito, e na capacidade de realizar e registar grelhas de avaliação sucintas, de modo a ter uma maior presença durante a aula.

4.2. Atitude Ético-Profissional

Neste domínio, penso que a minha prestação foi exemplar. Demonstrei sempre uma grande responsabilidade e empenho em todos os momentos do Estágio Pedagógico, cumprindo com todos os compromissos assumidos perante a escola, professores, colegas estagiários e alunos.

Estive sempre disponível para participar nas várias atividades realizadas pela escola e pelo núcleo de estágio, contribuindo ativamente para estas e ainda procurando sempre ter uma boa relação com professores, colegas e alunos promovendo um bom ambiente escolar.

Ao nível da assiduidade e pontualidade também demonstrei um profissionalismo exemplar. Apenas por uma vez não tive a possibilidade de observar a aula de um dos meus colegas estagiários e fui sempre extremamente pontual, especialmente nos horários respetivos à lecionação das aulas da minha turma, promovendo também a pontualidade dos meus alunos.

Procurei também promover o trabalho em grupo, ainda que nem sempre com sucesso, entre os estagiários. Sempre que possível procurei a ajuda mútua entre colegas de maneira a ultrapassar dificuldades e a evoluirmos como profissionais.

Fui capaz de refletir sobre as minhas ações e sobre os dilemas com que me deparei, procurando sempre procurar soluções credíveis para esses mesmos problemas quer através da discussão entre colegas do núcleo de estágio, quer através da autoformação.

5. DIFICULDADES SENTIDAS E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

Durante o ano do Estágio Pedagógico senti várias dificuldades em vários aspetos. Numa primeira fase senti algumas dificuldades relativamente a realização do plano de aula. A estrutura inicialmente não era a mais indicada e verifiquei também que não tinha um profundo conhecimento dos conteúdos a lecionar. Desde logo apercebi-me da necessidade de autoformação, sendo a consulta de bibliografia específica da área a forma mais eficiente de colmatar essas minhas dificuldades.

Outra dificuldade com que me deparei foi o facto de ter de lecionar uma turma de 28 alunos. Este fator foi deveras complicado uma vez que era a minha primeira experiência como professor de Educação Física, mas ao longo do tempo consegui pouco a pouco ter o controlo sobre a turma coordenando-a com facilidade. Relativamente ao meu futuro como professor, esta experiência foi muito boa, uma vez que após conseguir coordenar uma turma tão grande, terei muito mais facilidade em coordenar turmas mais pequenas no futuro.

Revelei também alguma dificuldade relativamente aos *feedbacks* dados durante a aula. Estes nem sempre eram pertinentes nem com qualidade, mais uma vez devido à minha lacuna referente aos conteúdos a lecionar. Uma vez mais a autoformação revelou ser fulcral para ultrapassar as minhas dificuldades.

A minha maior dificuldade prendia-se com o controlo da disciplina e do clima na aula. A turma uma fase inicial do ano letivo adotava muitos comportamentos fora da tarefa e de indisciplina, o que prejudicou gravemente o processo ensino-aprendizagem. Desta forma, para além de adotar estratégias como a repreensão e o castigo durante as aulas, a observação das aulas dos meus colegas estagiários e do professor João Gandum permitiram com que eu fizesse uma análise da maneira como eles resolviam esse tipo de comportamentos. Este método de formação através da observação de outras

aulas permitiu que eu, gradualmente, conseguisse resolver estes problemas verificados durante a aula.

Uma outra dificuldade com que me deparei está relacionada com a avaliação. Numa primeira fase denotei muitas dificuldades na correta observação dos critérios de êxito e numa segunda fase o registo da avaliação revelou ser difícil de realizar num tão curto espaço de tempo. Penso que estas dificuldades com que me deparei no início do ano foram sendo ultrapassadas com a experiência que fui ganhando, e também através da simplificação das grelhas de avaliação.

Apesar de estar a finalizar a minha formação académica, nunca poderei menosprezar a autoformação uma vez que é um meio essencial de poder ultrapassar as minhas dificuldades e evoluir como professor de Educação Física.

6. QUESTÕES DILEMÁTICAS

Durante o estágio foi lecionada a Unidade Didática de Natação. A partir da avaliação diagnóstica pude verificar que para além dos 3 grupos de nível bem diferenciados, ainda tinha uma aluna com Hidrofobia. Ora, perante esta situação, vários dilemas surgiram: como integrar uma aluna com fobia à água numa aula de natação? Como planear uma aula de natação com 4 grupos de nível distintos? Como coordenar 28 alunos dentro de uma piscina com desempenhos tão diferentes?

A opção mais fácil seria não integrar a aluna com maiores dificuldades na aula e dar mais atenção ao resto da turma. Mas um professor não pode tomar as opções mais fáceis, mas sim as mais corretas. E neste caso a opção mais correta seria a integração da aluna nas aulas de natação, criando para esta um plano específico para que esta possa ultrapassar os seus medos, assumindo assim um compromisso com as aprendizagens dos alunos, especialmente aqueles com mais necessidades.

Durante a lecionação desta atividade contei também com a ajuda dos meus colegas estagiários e do professor orientador João Gandum, que me apoiaram durante estas aulas e permitiram com que essa integração da aluna fosse possível.

Ainda que facilitado pelos recursos humanos que tinha disponíveis, nunca poderei deixar alunos com maiores dificuldades ou com necessidades educativas especiais de fora da aula, devendo sempre arranjar soluções para integrar esses alunos na aula de Educação Física.

Outro dilema com o qual me deparei foi o seguinte: Como atingir os objetivos propostos definidos pelo Programa Nacional de Educação Física num tão curto espaço de tempo? Numa primeira análise podemos verificar que no ensino Básico, uma turma tem semanalmente dois blocos de aulas semanais, um de 90 minutos e outro de 45 minutos. Mas estes dados são falaciosos, uma vez que tendo em conta que no geral um professor dá 5 a 10 minutos do início

da aula para o aluno se equipar e ainda 10 minutos no final desta para o aluno tomar banho, isso perfaz um total de 95 minutos de tempo útil de aula semanal. Cada Unidade Didática é lecionada em aproximadamente 5 semanas, o que traduzido para horas perfaz um total de aproximadamente 8 horas. Se a este tempo ainda for retirado o tempo necessário à realização da avaliação diagnóstica e da avaliação sumativa, poderemos dizer que iremos ter sensivelmente 6 horas disponíveis para a leção de uma Unidade Didática. Será possível conseguir atingir os objetivos propostos neste tão curto espaço de tempo? E os alunos que trazem lacunas a nível psicomotor? Estas foram as questões que mais me preocuparam durante este ano de estágio e que deveriam, a meu entender, ser revistas pelo Ministério da Educação.

Ainda assim, procurei minimizar esses problemas durante o ano letivo. Em primeiro lugar o início das aulas era realizado logo após o toque de entrada ou poucos minutos depois. Isto fez com que os alunos se responsabilizassem em estarem prontos à hora de começar a aula, tendo para isso que se equipar durante o tempo do intervalo. Para além disso, após discussão com o professor João Gandum foi tomada a decisão de que seria melhor lecionar poucos conteúdos mas que ficassem bem consolidados, do que lecionar todos os conteúdos propostos no programa de Educação Física e mal consolidados. Desta forma, os alunos quando avançassem para o ano letivo seguinte já teriam as bases para poder prosseguir a sua aprendizagem.

7. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

Várias experiências me marcaram durante este ano letivo e a minha passagem pela Escola Infanta D. Maria foi uma oportunidade única de aprendizagem e aplicação dos conhecimentos que fui adquirindo ao longo da minha formação.

Tive sempre uma intervenção constante no meio escolar, participando e contribuindo para as diversas atividades que decorreram durante este período, tal como procurei empenhar-me ao máximo nas minhas obrigações como professor.

O Estágio Pedagógico deu-me a oportunidade de conhecer a realidade do meio escolar e os inúmeros desafios que tive de enfrentar apenas permitiram com que me tornasse um melhor profissional.

Para que este ano fosse um sucesso tive também de contar com o apoio dos meus colegas estagiários Tiago Roça e Anaísa Machado os quais estabeleceram uma ligação de interajuda e amizade que ainda hoje se mantem.

Também foi fundamental nesta minha passagem o apoio dos orientadores Antero Abreu e João Gandum que permitiram com que eu evoluísse durante a minha passagem pela Escola Secundária Infanta D. Maria.

Penso que após esta experiência como estagiário saio com uma formação muito mais rica e com competências para a lecionação da Educação Física.

8. APROFUNDAMENTO DE TEMA/PROBLEMA – A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

8.1. Introdução

A indisciplina é uma problemática que desde sempre afetou os professores ao longo dos anos. “A indisciplina na escola é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino e, dada a sua inevitabilidade, tão antigo como a própria escola.” Aires (2010).

E o que é a indisciplina? Segundo Oliveira (2002) “A indisciplina surge quase sempre como a negação ou violação de qualquer regra, norma e princípios ou padrões sociais, relacionando-se com a actividade consciente do indivíduo”.

Torrão (2012) refere ainda que a indisciplina é “um fenómeno que se caracteriza pelo incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas no decorrer da aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o convívio saudável entre pares e a relação com o professor enquanto pessoa e autoridade”.

Podemos verificar então que a indisciplina pressupõe sempre um desvio das regras previamente estabelecidas pelo aluno, o que conseqüentemente o leva a adotar comportamentos menos adequados durante a aula.

E qual a importância da disciplina (ou falta dela) no processo ensino-aprendizagem? Segundo Siedentop (1998) “a disciplina é importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há nenhuma dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

De facto podemos dizer que uma turma disciplinada é a chave para uma melhor aprendizagem por parte dos alunos, uma vez que promove uma maior concentração por parte dos mesmos durante a aula, um aumento do tempo útil de aula e ainda melhora o clima e as boas relações entre alunos e professor

De forma a podermos chegar ou pelo menos aproximar-nos desse objetivo, que é o de obter uma turma disciplinada, vários fatores deverão ser analisados, tais como, que fatores são influenciadores da indisciplina e que ações tomar de forma a prevenir e/ou corrigir comportamentos indisciplinados.

8.2. Fatores Influenciadores Da Indisciplina

Segundo Amado & Freire (2009) a indisciplina está intimamente ligada a três dimensões: a natureza das atividades curriculares, a gestão do ensino e a dimensão relacional.

-Natureza das atividades curriculares

Esta dimensão está relacionada com as características do meio escolar em si. A escola como sendo um espaço complexo e de características únicas, pode levar a que o aluno tenha reais dificuldades de adaptação, levando-o a um gradual sentimento depressivo e conseqüentemente a adotar comportamentos de indisciplina.

Esses fatores vão desde as atividades realizadas em ambiente escolar até às regras naturalmente impostas pela escola. Amado & Freire (2009) explicitam os traços comuns constituintes de uma cultura de aula que podem levar o aluno a levar comportamentos indisciplinados:

“Características decorrentes das interações em jogo

- Quantidade ilimitada de interações espontâneas.
- Simultaneidade de atividades
- Pluridimensionalidade das atividades
- Imprevisibilidade de acontecimentos.

Características estruturantes das interações

- Historicidade e contextualização dos acontecimentos
- Espaço de atividade sujeito a constante avaliação
- Lugar público
- Obrigatoriedade de presença

- Imposição de currículos *formais* e didactização dos saberes
- Imposição de um currículo *informal*

Além destes, fatores como a grande heterogeneidade da população escolar podem levar o aluno a não se sentir integrado no meio escolar.

Tendo isto em conta o professor deverá sempre adotar uma atitude imparcial e de equidade com os seus alunos de modo a existir uma real integração dos mesmos. Desta forma, o professor não deve tentar alterar as características naturais da escola, mas sim perceber de que maneira estas poderão afetar os alunos, de forma a adotar a melhor estratégia para lidar com alunos mais problemáticos.

Em relação à minha experiência com a turma do 7º B, posso dizer que este não foi um fator que influenciou o comportamento disciplinar da mesma de forma relevante. Uma vez que os alunos já estão habituados ao meio escolar em anos anteriores, não foi a natureza das atividades da escola que influenciou de forma negativa o comportamento dos alunos. Pelo contrário, penso que o facto de todos os meus alunos chegarem à Escola Secundária Infanta D. Maria provenientes de uma escola diferente, levou a que estes entrassem neste novo meio escolar de forma mais resguardada, evitando assim comportamentos indisciplinados numa fase mais preliminar.

- Gestão do ensino

Segundo Amado & Freire (2005) o conceito de gestão “alarga-se a toda a orquestração da vida na aula, incluindo aí, o modo como o professor prepara o primeiro encontro com os seus alunos, como planifica e organiza as actividades de cada lição, como executa e gere estímulos tais como a pergunta e o olhar dentro da aula, como reforça e avalia os alunos, como gere os poderes (seus e dos alunos) e como actua face a confrontos e conflitos”

Diferente da dimensão anterior, nesta o professor tem um papel fundamental. Desde a planificação da aula até à sua realização, o professor deverá ser capaz de transmitir entusiasmo e motivação aos alunos proporcionando aulas interessantes e desafiantes, tal como ser coerente e organizado nas suas tarefas.

Pelo contrário uma aula que se demonstre aborrecida, monótona e que revele uma grande falta de organização do tempo e do espaço é propícia a provocar comportamentos de indisciplina, uma vez que os alunos deixam de se interessar pelo conteúdo da aula e desviam as suas atenções para outros assuntos exteriores à aula.

Durante a minha experiência como professor, tentei sempre realizar planos de aula que fossem motivantes para a turma. Ainda assim, senti que poderia ter diversificado um pouco mais os exercícios que fui realizando ao longo do ano de forma a aumentar a motivação dos alunos. Contudo, procurei sempre realizar aulas organizadas e coerentes que fizessem com que os alunos estivessem sempre concentrados nas atividades a realizar e evitando assim comportamentos menos próprios para a aula.

- Dimensão relacional

Esta dimensão também está intimamente ligada ao professor. Enquanto na gestão do ensino analisamos a maneira como o professor planeia e conduz a aula, nesta irá ser feita uma análise da relação de poder entre professor e aluno.

Este é na minha opinião, não menosprezando as duas anteriores dimensões, o ponto-chave para o controlo do clima e da disciplina numa aula de Educação Física. Como iremos analisar adiante, apenas um professor com capacidade de liderança e justo nas suas decisões, poderá ser capaz de minimizar problemas relacionados com a indisciplina ao mesmo tempo que proporciona um clima adequado à aprendizagem dos alunos.

Nesta dimensão Amado & Freire (2009) consideram existir quatro estilos de gestão do poder e das relações na aula: o autoritarismo, a permissividade, a indiferença e a assertividade.

O professor que se rege pelo autoritarismo adota uma posição demasiadamente rígida nas aulas, provocando normalmente um clima de medo durante estas. “As atitudes do autoritário são de vigilância constante e desconfiada (no dizer dos alunos) e de grande distanciamento afectivo; são professores irónicos para com os alunos, ridicularizando-os frequentemente e

que usam como meio de controlo a ameaça (...) e o castigo” Amado & Freire (2009).

Esta estratégia contudo não é a mais indicada, uma vez que cria um clima de aula inóspito, inviabilizando por completo tentativas de motivação dos alunos para a aula. Por outro lado, esta forma de relação mais rígida com os alunos poderá a curto prazo evitar comportamentos indesejáveis por parte dos alunos, contudo não é certamente o estilo de relação de poder mais adequado a ser utilizado a longo prazo.

A permissividade é uma característica completamente oposta ao autoritarismo. Nesta o professor dá demasiada liberdade aos alunos, o que proporciona a que estes adotem comportamentos de indisciplina na aula. Amado & Freire (2009) referem ainda que “o professor permissivo cria muitas situações de perfeito descontrolo na aula, terreno propício para comportamentos de todos os níveis de gravidade e obstáculo a qualquer aprendizagem”.

A indiferença é outra das relações de poder que podem ser encontradas entre os professores. Neste tipo de relação o professor não manifesta qualquer tipo de preocupação em motivar a turma para a aula nem tão pouco manifesta interesse nas suas ações. Este tipo de professor é dotado de uma extrema falta de responsabilidade para com os alunos, uma vez que não se encontra preocupado com a aprendizagem destes. “Trata-se de uma característica de professores perfeitamente desmotivados, que gerem a aula numa rotina diária, que procuram não ser incomodados e evitam incomodar os alunos (numa espécie de negociação implícita)” Amado & Freire (2009).

Finalmente temos a assertividade. Podemos dizer que a relação de poder se encontra entre a autoritária e a permissiva. Nesta o professor não permite a ocorrência de comportamentos menos próprios, contudo tem uma postura na aula que deixa os alunos com um certo à-vontade, criando assim um boa relação professor/aluno. “Esta é a característica do professor que sabe fazer-se respeitar começando por respeitar os alunos, acredita neles e confere-lhes responsabilidades, censura e admoesta recordando a regra, tem em conta os comportamentos e não as pessoas”. Amado & Freire (2009).

Analisando os quatro tipos de relação de poder, podemos verificar que o autoritarismo e a assertividade são as relações de poder que melhor evitam comportamentos de indisciplina durante as aulas. Contudo, o controlo da disciplina não é tudo e um professor que seja demasiado rígido e controlador perde o “carinho” da turma e conseqüentemente a capacidade de motivar os alunos para a aula, de modo a criar um bom processo ensino-aprendizagem.

Posso dizer que pessoalmente não tive a capacidade de exercer uma relação de poder assertiva. As minhas características mais permissivas, principalmente no início do ano, fizeram com que perdesse o controlo da turma desde cedo. Contudo, ao longo do ano e influenciado pelas características mais autoritárias das aulas lecionadas pelo orientador João Gandum, consegui corrigir a minha postura nas aulas não permitindo comportamentos de indisciplina durante estas.

Esta mudança, no entanto, não se revelou fácil, pois a imagem que demonstrei nas primeiras aulas aos alunos, fez com que estes não percebessem esta repentina mudança na minha atitude, dificultando assim a transmissão para os alunos de uma postura mais assertiva.

Penso ainda que o facto de ser um estagiário, mudou a maneira como lidei com os alunos. Como estava constantemente sob o olhar atento e avaliativo do orientador de estágio, a minha preocupação principal foi, numa primeira fase, lecionar de forma correta as matérias alvo de ensino, passando para segundo plano o fator disciplinar, o que, neste momento, percebo que foi a pior forma de agir.

8.3. Ações De Prevenção/Correção Da Indisciplina

Todos os professores são alvos de comportamentos de indisciplina. Este é um facto inegável e comum a todos os profissionais da educação escolar, independentemente da sua área. Contudo esses comportamentos podem ser evitados desde cedo e para isso o professor terá sempre de tomar ações de prevenção destes comportamentos, tal como ações de correção dos mesmos quando estes acontecem.

Aires (2010) divide essas mesmas ações em 3 tipos distintos: ações de prevenção, ações de correção e ações de prevenção/correção.

O mesmo autor enuncia quais os diferentes tipos de ação a se tomar:

- Ações de prevenção

- Manter uma atitude e postura circunspecta no início do ano letivo
- Apresentar-se como um modelo de não-agressão, sendo sempre cortês com os alunos
- Clarificar as regras e os comportamentos expectáveis no início do ano letivo
- Envolver os alunos no estabelecimento de regras e limites de comportamento
- Mostrar-se sempre atento

- Ações de correção

- Manter-se sereno na hora de disciplinar
- Desenvolver um reportório diversificado de sanções
- Impor penalizações, fazendo as pazes
- Elaborar um historial de incidentes dos alunos mais complicados

Ações de prevenção/correção

- Envolver a turma na aprendizagem
- Planificar o espaço de aprendizagem
- Ensinar e desenvolver competências sociais
- Promover comportamentos desejáveis
- Decidir um estilo de liderança

Amado & Freire (2009) faz ainda uma outra divisão dos tipos de ação: prevenção primária, prevenção secundária (intervenção precoce) e prevenção terciária (intervenção face aos casos persistentes).

-Prevenção primária

Este tipo de ação ocorre com o objetivo de prevenir os comportamentos de indisciplina numa fase inicial. O desenvolvimento de competências de comunicação, transmissão de valores e a criação de condições favoráveis de ensino são os principais objetivos a ter em conta neste tipo de intervenção.

As ações a este nível passam por:

- Promover o trabalho cooperativo entre os seus alunos. Desta forma, as relações entre alunos serão mais amigáveis e existe uma integração dos alunos com maiores dificuldades
- Estabelecimento de regras de forma clara que promovam valores como o respeito e a solidariedade, sancionando os alunos que não cumpram essas mesmas regras
- Prestar apoio a alunos com necessidades educativas especiais. O professor deverá perceber quais os problemas dos alunos e agir em função destes
- Planificação do currículo diversificada e adequada ao nível dos alunos, evitando assim a monotonia e o insucesso nas aulas
- Rever e reformular os regulamentos escolares
- Envolver os pais no meio escolar
- Promover a amizade e a entreaajuda
- Prevenir situações de *bullying*

- Prevenção secundária

Este tipo de ação ocorre na medida de corrigir comportamentos indisciplinados.

As ações a este nível passam por:

- Tomar uma ação corretiva face à indisciplina como meio de mudar comportamentos menos adequados
- Ter uma função de mediador de conflitos, evitando confrontos entre alunos que possam levar à violência
- Ter uma ação direta na turma face a situações de maus-tratos entre alunos (*bullying*)

- Prevenção terciária

Este tipo de ação ocorre quando se verificam comportamentos indisciplinados perturbadores e constantes. Este nível de prevenção ocorre apenas em casos excepcionais.

As ações a este nível passam por:

- Promover relações sociais positivas
- Criar expectativas positivas
- Promover a responsabilidade
- Promover a autoconfiança através da ajuda de outros intervenientes

Na minha experiência como estagiário, foram também tomadas algumas medidas como meio de prevenção e correção de comportamentos indisciplinados.

Como prevenção adotei as seguintes estratégias: motivação dos alunos para a aula, tanto através da planificação de exercícios motivantes como através da transmissão de entusiasmo durante a aula; organização global e coerente aliada a uma rápida e fluente transição de exercícios evitando assim tempos mortos; promoção dos comportamentos desejáveis a ter na aula; e ainda clarificação das regras a cumprir no início do ano letivo.

De maneira a corrigir comportamentos de indisciplina as minhas principais estratégias passaram pela repreensão verbal e a sanção através de um castigo físico.

Apesar da turma do 7º B não apresentar comportamentos indisciplinados graves que necessitem de estratégias de prevenção e/ou correção mais extremos, esses comportamentos ocorriam com alguma frequência o que fazia com que o processo ensino-aprendizagem saísse prejudicado.

Se tivesse a oportunidade de repetir o ano de estágio com a mesma turma, teria tomado ações de prevenção e correção mais prematuramente, tal como teria adotado outras estratégias que penso que seriam benéficas tais como: diversificação de sanções, a elaboração de um historial de incidentes dos

alunos mais complicados e ainda a adoção de uma postura de liderança desde o início do ano de maneira a conseguir obter um maior controlo sobre a turma.

8.4. Conclusão

Finalizando, a indisciplina nas escolas é uma realidade. Os professores, neste caso em específico, os professores de Educação Física, como responsáveis por criar condições favoráveis de ensino aos seus alunos têm de em primeiro lugar prevenir os comportamentos de indisciplina na aula.

Para que tal seja possível o professor deverá ser capaz de perceber quais os fatores que influenciam os comportamentos de indisciplina e também perceber quais as melhores estratégias para evitar que esses comportamentos ocorram.

No caso de ocorrerem situações de comportamentos indisciplinados, o professor deverá então corrigir esses comportamentos através de uma postura rígida e justa, através de estratégias como a repreensão ou a sanção.

Pessoalmente penso que o aprofundamento deste tema fez com que compreendesse melhor a problemática da indisciplina escolar, sendo que futuramente estarei muito melhor preparado para prevenir e combater situações de comportamentos indisciplinados.

9. BIBLIOGRAFIA

Amado, J. & Freire I. (2005). *A gestão da sala de aula*. In Guilhermina Miranda e Sara Bahia (orgs.) *Psicologia da Educação. Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino* (pp.311-331). Lisboa: Relógio D'Àgua.

Amado, J. & Freire I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola – Compreender para prevenir*

Aires, L. (2010). *Disciplina na Sala de aulas – Um Guia de Boas Práticas para Professores do 3º CEB e Ensino Secundário*

Bento, J. O. (1987). *Planeamento e avaliação em Educação Física*.

Cortesão, L (2002). *Formas de ensinar, formas de avaliar: breve análise de práticas correntes de avaliação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto.

Oliveira, M. (2002). *A Indisciplina em Aulas de Educação Física. Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física dos 2º e 3º ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior Politécnico de Viseu. Viseu.

Piletti, C. (2001). *Didática geral*. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*, 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.

Torrão, T. (2012). *Relatório Final de Estágio*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Zabalza, M. & Vilar, A. (1997). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*.

Legislação consultada:

Decreto-Lei n.º6/2001, de 18 de Janeiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 4-A/2001, de 28 de Fevereiro

Despacho normativo n.º1/2005, de 5 de Janeiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º3/2005, de 10 de Fevereiro